

REVISANDO A TEORIA DA MODELAGEM ESPACIAL: ALGUNS ESTUDOS SOBRE PARTIDOS POLÍTICOS

REVIEWING SPATIAL MODELING THEORY: SOME STUDIES ABOUT POLITICAL PARTIES

PEDRO GUSTAVO DE SOUSA SILVA¹

Resumo

O presente artigo faz um exame da literatura sobre partidos políticos direcionada para teoria da modelagem espacial. A leitura desta vertente teórica motiva um rol de questionamentos sobre a mudança partidária e as consequências dessa mudança junto aos eleitores. O artigo central escolhido para ser examinado é o texto de James Adams (2012). Busquei identificar questões, problemas, teorias, hipóteses e mecanismos causais que fazem parte do desenho de pesquisa traçado por Adams (2012). Textos que compõem a bibliografia do artigo central também foram submetidos à análise. Algumas debilidades da teoria da modelagem espacial foram reveladas.

Palavras-chave: Teoria da Modelagem Espacial; Partidos Políticos; Desenho de Pesquisa.

Abstract

The article examines the literature on political parties directed to spatial modeling theory. The reading of this theoretical approach motivates a set of questions about party changes and the consequences of such change among electors. The central article chosen for examination is James Adams' text (2012). I aimed to identify questions, problems, theories, hypotheses and causal mechanisms that are part of Adam's (2012) research design. Texts that are part of the central article's bibliography were also submitted to analysis. Some weaknesses of

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. E-mail: pedro_gustavoss@yahoo.com.br.

spatial modeling theory were revealed.

Keywords: Spatial Modeling Theory; Political Parties; Research Design.

Introdução

Dentre os diversos temas que compõem a agenda de estudos da Ciência Política, recorri ao exame da literatura sobre partidos políticos para desenvolver o presente texto. Mais especificamente, meu objeto de análise neste artigo consiste na teoria da modelagem espacial. A leitura desta vertente teórica motiva um rol de questionamentos sobre a mudança partidária e as consequências dessa mudança junto aos eleitores.

O artigo central escolhido para ser examinado é o texto *Causes and Electoral Consequences of Party Policy Shifts in Multiparty Elections: Theoretical Results and Empirical Evidence*, escrito por James Adams e publicado em 2012 na *Annual Review of Political Science*. A partir da leitura e análise do referido texto, buscarei identificar questões, problemas, teorias, hipóteses e mecanismos causais que fazem parte do desenho de pesquisa traçado por Adams (2012). Ou seja, delinear a forma de articulação entre teoria, método e base empírica.

Após proceder com a análise do desenho de pesquisa do artigo central, o próximo passo será voltado para os textos que compõem a bibliografia usada por Adams (2012). Alguns textos contidos na bibliografia serão analisados a fim de saber as contribuições dadas para formulação das teorias, hipóteses e problemas colocados no artigo de Adams (2012). Da mesma forma que o artigo central, os demais textos também abordam a temática dos partidos políticos através da perspectiva da modelagem espacial.

A seguir, os títulos dos textos auxiliares: *Are Niche Parties Fundamentally Different from Mainstream Parties? The Causes and the Electoral Consequences of Western European Parties' Policy Shifts, 1976–1998*, cujos autores são James Adams, Michael Clark, Lawrence Ezrow e Garrett Glasgow (2006); *Is Anybody Listening? Evidence That Voters Do Not Respond to European Parties' Policy Statements During Elections*, escrito por James Adams, Lawrence Ezrow e Zeynep Somer-Topcu (2011); *Moderate Now, Win Votes Later: The Electoral Consequences of Parties' Policy Shifts in 25 Postwar Democracies*, de autoria de James Adams e Zeynep Somer-Topcu (2009); *Understanding Change and Stability in Party Ideologies: Do Parties Respond to Public Opinion or to Past Election Results?*, escrito por James Adams,

Michael Clark, Lawrence Ezrow, Garrett Glasgow (2004); *Principle vs. Pragmatism: Policy Shifts and Political Competition*, de Margit Tavits (2007).

Todos esses artigos auxiliares constituem resultados de pesquisas empíricas acerca dos pressupostos da teoria da modelagem espacial. Sob distintos ângulos, essas empíricas pesquisas contribuem com o refinamento da “social science methodology” ao “(1) requires systematic and continuous concept formation and refinement, (2) employs empirical evidence not only to confirm but also to develop and explore theories, and (3) must come to terms with causal complexity” (THOMAS, 2005: 855).

Os rigorosos exames de pesquisa aos quais foram submetidos os partidos políticos da Europa Ocidental revelaram algumas debilidades do modelo. Em alguns casos, o modelo da modelagem espacial não teve seus pressupostos confirmados. No tópico a seguir darei início à análise do desenho de pesquisa do texto central.

Objetivos da Revisão de Estudos Empíricos

No texto *Causes and Electoral Consequences of Party Policy Shifts in Multiparty Elections: Theoretical Results and Empirical Evidence*, James Adams (2012) faz uma revisão de estudos empíricos sobre competição multipartidária decorridos da literatura da modelagem espacial com o objetivo de responder as seguintes indagações: (1) de que forma as posições políticas assumidas pelos partidos estão de acordo com as previsões derivadas de modelos espaciais da competição multipartidária? (2) de que maneira as posições políticas dos partidos divergem destas previsões? (3) de que forma as consequências do comportamento político dos partidos apoiam as previsões da modelagem espacial?

A revisão de estudos empíricos feita por Adams (2012) prioriza trabalhos de estatística comparada relacionados ao posicionamento político esquerda-direita em sistemas multipartidários. Mais especificamente, os fatores que motivam os partidos a mudar suas posições esquerda-direita – juntamente com estudos sobre as consequências das mudanças esquerda-direita dos partidos. A atenção do autor voltada para a estatística comparada das posições

dos partidos – junto com as consequências eleitorais das mudanças políticas dos partidos – é justificada pelo fato de ser viável revisar tais estudos empíricos em um único artigo e também porque a literatura da modelagem espacial sobre este tema gira em torno da estatística comparada.

Adams (2012) restringiu a revisão somente aos estudos acerca das eleições multipartidárias – aquelas que envolvem três ou mais partidos principais – porque já existem vários bons trabalhos voltados para eleições de dois candidatos. Por fim, o autor justifica a opção pelas mudanças políticas esquerda-direita em função da maioria da literatura empírica sobre mudanças políticas dos partidos em sistemas multipartidários centrar-se na dimensão esquerda-direita.

Conforme Adams (2012), o modelo espacial de eleições identifica os fatores que motivam as elites partidárias a mudarem as posições políticas do partido. Os fatores do modelo são estes: mudanças nas preferências políticas dos eleitores, mudanças políticas dos partidos rivais, resultados eleitorais anteriores e mudanças nas imagens de “valência” das elites partidárias com relação às dimensões como competência e integridade. A revisão de estudos empíricos sobre eleições multipartidárias aborda dois eixos: (1) avaliar as respostas das elites partidárias aos fatores mencionados e (2) as consequências eleitorais das mudanças políticas do partido.

A revisão feita por Adams (2012) revelou um notável paradoxo entre os resultados sobre as causas das mudanças políticas do partido e as conclusões sobre as consequências eleitorais dessas mudanças. Por um lado, os estudos empíricos concluem que os partidos sistematicamente mudam suas posições políticas em resposta aos fatores identificados pela teoria da modelagem espacial. Por outro lado, estudos identificam apenas fracas e inconsistentes evidências empíricas de que os eleitores realmente percebem as mudanças políticas dos partidos e/ou que estas mudanças têm importantes consequências eleitorais. Tais descobertas estão em desacordo com uma hipótese central do modelo espacial de eleições: os cidadãos percebem e reagem a mudanças políticas dos partidos.

Hipóteses do Modelo

De maneira simplificada, as hipóteses dos modelos espaciais de competição partidária são as seguintes: (1) os partidos são vistos como atores unitários que anunciam suas intenções políticas para o eleitorado e este, por sua vez, pode imediatamente – e sem custo – atualizar essas promessas políticas em resposta a mudanças no ambiente; (2) os eleitores têm percepções idênticas das posições dos partidos e atualizam instantaneamente estas percepções – juntamente com sua avaliação do partido – em resposta às mudanças nas declarações emitidas pelas elites partidárias; (3) os partidos políticos controlam completamente suas imagens políticas, ou seja, as percepções dos eleitores da posição de cada partido corresponde exatamente com as promessas que a elite partidária distribui para o público (ADAMS, 2012).

Tais hipóteses desconsideram uma série de fatores que interferem na dinâmica da relação entre partidos e eleitores. As características organizacionais do partido, por exemplo, restringem as habilidades da elite partidária para ajustar suas posições em resposta a mudanças no ambiente. Além do mais, qualquer situação de rápida e/ou drástica mudança política pode levar a divisões internas no partido. Há também muitas dúvidas sobre a capacidade dos cidadãos absorverem com precisão as mudanças políticas dos partidos.

Ações de alguns agentes sociais contribuem para dificultar a plausibilidade das hipóteses. A mudança partidária pode ser interpretada de distintas formas por setores da imprensa e partidos adversários. As novas iniciativas do partido representam uma mudança tática ou fundamental na direção política? A mudança política é permanente ou apenas representa uma vitória temporária de uma das facções internas do partido? No caso do partido entrar no governo, os líderes partidários de fato colocarão em prática as reformas que foram defendidas durante o período de oposição? Setores da mídia e partidos adversários podem manusear estas indagações de maneira a contribuir para confundir o cidadão sobre os reais propósitos da elite partidária.

Durante as campanhas eleitorais, tanto a mídia quanto os partidos adversários podem enfatizar aspectos do programa político do partido central que diferem dos pontos que o próprio partido prefere enfatizar. Assim, os partidos não podem unilateralmente definir os termos

do debate para a campanha eleitoral através de suas declarações políticas. Os ataques das elites partidárias rivais e comentários da mídia influenciam a forma como vai proceder a campanha eleitoral. Num ambiente confuso de informações e acusações recíprocas entre as elites partidárias e outros agentes sociais, até mesmo os cidadãos bem informados têm dificuldades para filtrar as mudanças políticas em curso numa campanha.

A revisão de estudos empíricos feita por Adams (2012) leva ao questionamento das hipóteses da teoria da modelagem espacial. Ao contrário do que sugere esta teoria, os eleitores não atualizam suas percepções das posições dos partidos nas formas especificadas no modelo. Conforme Adams (2012), os eleitores podem ficar confusos sobre as intenções políticas do partido quando ocorre mudança partidária. Na medida em que os eleitores são avessos ao risco, a tentativa do partido de equilibrar as novas promessas políticas com as antigas pode prejudicar a avaliação do eleitor sobre a organização.

O trabalho de Margit Tavits (2007) – *Principle vs. Pragmatism: Policy Shifts and Political Competition* – aponta para a mesma direção. Esta autora investiga o efeito eleitoral de mudanças políticas dos partidos. Os efeitos são prejudiciais ou gratificantes eleitoralmente, dependendo da esfera na qual ocorre a mudança. Se ocorrer na esfera pragmática gera um resultado de agregar votos, enquanto que na esfera de princípios provoca perda de votos. No domínio pragmático, os eleitores estimam “fazer as coisas”. Mudanças políticas neste domínio sinalizam a capacidade de resposta para mudança de ambiente e torna-se susceptível de recompensa. A esfera de princípios diz respeito a crenças e valores. Qualquer mudança política neste domínio é um sinal de inconsistência e falta de credibilidade, passível de conduzir ao afastamento dos eleitores.

A referida autora exemplifica essas dimensões da seguinte forma:

(...) On matters that mostly concern government policy outcomes, voters view pragmatic responses to issues more favorably regardless of their general ideological bent. Managing the economy is an example of such a pragmatic issue domain. Given the stress on pragmatism and that parties' policy shifts can be perceived as active responses to changing economic conditions, voters

are more likely to reward such shifts. On pragmatic issues, ideological rigidity rather than flexibility may be counterproductive.

On the other hand, in the case of issues where voters value principled rather than pragmatic statements, any policy shift may be perceived as a sign of inconsistency or disloyalty, undermining the credibility of the party. This lack of credibility is likely to be punished on election day. Social or value-based issues serve as examples of such principled preferences. Indeed, as I show, movements in the principled domain may not be electorally beneficial even if the party moves in the same direction as the median voter (TAVITS, 2007:152).

Esses argumentos foram testados com dados de 23 “democracias avançadas” ao longo de um período de quase 40 anos (1960-1998). As observações englobam as mudanças políticas dos partidos na Europa Ocidental, Austrália, Canadá, Japão, Nova Zelândia e Estados Unidos. A unidade de análise é o partido político em uma dada eleição e os dados são organizados como painéis.

De acordo com Tavits (2007), a mudança nas declarações políticas de um candidato/partido durante a campanha pode levar os adversários a acusá-lo de *flip-flopping*, ou seja, muda significativamente as posições políticas muitas vezes ao longo do tempo e por isso é visto como fraco, indeciso e mais ambicioso do que detentor de princípios. As acusações de ser flip-flopping recaem mais sobre os candidatos/partidos que alteram suas posições em matéria de questões sociais. Na medida em que os eleitores tomam as alterações políticas anunciadas como prova de que as elites partidárias são oportunistas ou faltam convicções fundamentais, isso pode prejudicar os esforços do partido para assegurar o apoio eleitoral.

Tavits (2007) ilustra essas considerações com um exemplo extraído da eleição presidencial norte-americana de 2004 na qual houve disputa entre o democrata Kerry e o republicano Bush. Grande parte da competição eleitoral girou em torno da questão da consistência nas declarações políticas. Os republicanos fizeram um esforço direcionado para retratar Kerry como inconsistente e oportunista em função da mudança de posição do candidato sobre temas como guerra no Iraque, casamento gay, aborto, controle de armas e outros. Os democratas defendiam Kerry na campanha buscando mostrá-lo como

um pragmático, cujas opiniões refletem a complexidade dos temas em evolução. No final das contas, Kerry foi prejudicado nas urnas diante destas acusações de mudança de posição.

Os achados empíricos que apontam no sentido contrário das formulações da modelagem espacial não visam questionar a utilidade dos modelos, mas sim destacar a existência de lacunas e debilidades nas previsões geradas. Nas palavras do próprio Adams (2012):

It is simply to emphasize that it is far from obvious that changes in the political environment will in fact prompt real-world parties to shift their policy positions in a manner consistent with the predictions generated by these spatial models and, in addition, that the electoral consequences of real-world parties' policy shifts may diverge from the outcomes that these spatial models predict (ADAMS, 2012: 404).

As Mudanças Políticas dos Partidos

Diante dessa constatação acerca dos limites da referida teoria, cabe agora apresentar os resultados alcançados pelos estudos empíricos. Primeiramente, Adams (2012) se debruça sobre as pesquisas referentes às mudanças políticas dos partidos. Quatro perguntas centrais orientam essas pesquisas: (1) os partidos mudam suas posições em resposta às mudanças de opinião pública? (2) Os partidos mudam sua posição esquerda-direita em resposta aos resultados das eleições passadas? (3) Os partidos mudam sua posição esquerda-direita em resposta às mudanças políticas dos partidos rivais? (4) Os partidos mudam suas posições em resposta a alterações em suas imagens de “valência”?

Com relação à primeira pergunta, a teoria da modelagem espacial postula que as estratégias políticas dos partidos são orientadas pela distribuição das preferências dos cidadãos. Em outras palavras, os partidos mudarão suas posições políticas na mesma direção para o qual se desloca a opinião pública. Se a opinião pública muda para o eixo da direita, os partidos acabam se dirigindo no mesmo sentido. O mesmo acontece caso a mudança da opinião pública seja voltada para a esquerda, provocando o consequente deslocamento dos partidos para este eixo.

A revisão dos estudos empíricos apontou ressalvas para esta previsão. O postulado é consistente, contanto que observe as consequências oriundas das características dos partidos. O texto de Adams et al. (2006) – *Are Niche Parties Fundamentally Different from Mainstream Parties? The Causes and the Electoral Consequences of Western European Parties' Policy Shifts, 1976–1998* – sustenta a ressalva ao postulado da modelagem especial. Os autores procedem com análises estatísticas da relação entre posições dos partidos, preferências dos eleitores e resultados eleitorais em oito democracias da Europa ocidental no período de 1976 a 1998. A investigação busca saber se os partidos de nicho e os grandes partidos respondem diferentemente a mudanças na opinião pública.

Os dados referem-se a Grã-Bretanha, Itália, Dinamarca, França, Grécia, Espanha, Luxemburgo e Países Baixos. O período investigado começa em 1976 porque foi o primeiro ano no qual o item esquerda-direita apareceu nas pesquisas do Eurobarometer e vai até 1998, último ano no qual os dados do *Comparative Manifesto Project* (CMP) são avaliados. 158 mudanças políticas e mais de 36 eleições no período 1976-98 foram contempladas. Os dados contêm 37 partidos, cada um deles observados durante uma média de 4,3 eleições.

A previsão mostrou-se adequada para os grandes partidos do ponto de vista eleitoral, tais como Trabalhistas, Social-democratas, Liberais, Democratas Cristãos, Partidos Conservadores e outros. O mesmo não vale para os partidos de nicho, ou seja, pequenos partidos com clientelas ideológicas tais como Verdes, Comunistas e radicais de direita. Os programas políticos dos partidos de nicho apareceram como menos sensíveis às mudanças na opinião pública do que os programas dos grandes partidos.

Adams et al. (2006) não encontraram evidências de que os partidos de nicho respondem a mudanças na opinião pública, enquanto os grandes partidos exibem tendências consistentes para responder a tais mudanças. Os partidos de nicho que moderaram suas posições tiveram sistemáticas quedas de votação, ao passo que os partidos tradicionais não pagaram semelhantes penalidades eleitorais. A perda de votos dos partidos de nicho ao moderarem suas posições para seguir as mudanças na opinião pública está vinculado ao fato dos apoiadores do partido interpretarem a mudança como “traição” aos valores centrais da

organização. Dessa forma, é mais vantajoso ao partido de nicho não seguir indistintamente as flutuações na opinião pública.

Os dados demonstraram que os partidos de nicho não enfrentam um *trade-off* entre articular crenças políticas e moderar discursos a fim de aumentar seu apoio eleitoral. Tais partidos não podem moderar o discurso na esperança de ganhar apoio eleitoral. Nesse caso, a melhor estratégia de buscar voto é manter o apelo político para os núcleos de eleitores que são atraídos por eles por razões ideológicas.

Esse comportamento do partido de nicho de permanecer imune a mudança na opinião pública decorre do resultado da “estabilidade política”. Os autores chamam de “dispendioso resultado da moderação política” o caso do partido de nicho que opta por moderar as posições políticas para seguir as flutuações da opinião pública e, como consequência disso, perdem votos.

Adams et al. (2004), no texto *Understanding Change and Stability in Party Ideologies: Do Parties Respond to Public Opinion or to Past Election Results?*, também apresentam ressalvas ao modelo. Os autores buscam saber se os partidos ajustam suas ideologias em resposta a dois tipos de influências: mudanças na opinião pública e resultados eleitorais do passado. As análises empíricas são baseadas em códigos do Comparative Manifesto Project de programas pós-guerra dos partidos em oito países da Europa Ocidental – Grã-Bretanha, França, Itália, Luxemburgo, Espanha, Grécia, Holanda e Dinamarca.

O período investigado vai de 1976 (primeiro ano das pesquisas *Eurobarometer*) até 1998 (último ano para o qual há dados disponíveis do *Comparative Manifesto Project* para esse propósito). Os resultados alcançados por Adams et al. (2004) sugerem que os partidos respondem às mudanças na opinião pública, mas que esses efeitos só são significativos em situações nas quais a opinião pública claramente se afasta das posições do partido.

Quanto a segunda indagação (referente ao impacto dos resultados das eleições passadas), também neste caso a previsão do modelo necessita de ressalvas. Conforme o postulado da teoria da modelagem, as elites partidárias utilizam os resultados eleitorais do passado para inferir as preferências políticas dos eleitores. O partido pode mudar sua posição

para posicionar-se mais a direita ou mais a esquerda na eleição seguinte de acordo com os resultados das eleições transcorridas.

Novamente as conclusões de Adams et al. (2006) chamam a atenção para os impasses deste modelo teórico. Estes autores apontam apenas fracas e inconsistentes evidências de que os partidos respondem desta maneira aos resultados das eleições passadas. A revisão de outros estudos destaca a importância do fator “tempo” da eleição passada. Se a eleição passada tiver ocorrido a bastante tempo atrás, então não serve como parâmetro para medir a preferência política do eleitorado na eleição posterior. Adams et al. (2004) não encontram efeitos significativos que associe as mudanças ideológicas dos partidos com os resultados das eleições passadas.

A terceira questão (relacionada aos partidos rivais) tem como base a influência dos partidos rivais sobre a estratégia política do partido central. O equilíbrio de Nash – uma configuração de estratégias políticas partidárias de forma que nenhum partido pode melhorar seu resultado esperado ao mudar unilateralmente sua posição, tendo em vista as posições dos seus adversários – está no centro deste postulado da modelagem espacial. O modelo postula que um partido central vai mudar suas posições políticas no mesmo sentido dos seus concorrentes ideologicamente próximos. Apenas um artigo avalia empiricamente esta previsão, dando suporte ao estipulado pela abordagem da teoria espacial.

Por fim, a quarta pergunta (pautada nas imagens de “valência”). Imagens ou dimensões de “valência”, no sentido político, significam as dimensões nas quais os partidos/candidatos são diferenciados pelo grau em que estão ligados na mente do público com condições, metas e símbolos aprovados ou desaprovados pelo eleitorado. Isto inclui fatores como imagens de honestidade, competência, dedicação ao serviço público, carisma e capacidade de efetivamente governar.

Essas dimensões de “valência” contrastam com as dimensões de “posição” – como redistribuição de renda, política externa, controle de imigração, aborto e outros –, em que os partidos/candidatos são diferenciados pela defesa de posições alternativas. Partidos/candidatos vistos como portadores de boas imagens de “valência” desfrutam de vantagens eleitorais na formação dos resultados que não estão

vinculadas diretamente às posições demarcadas em dimensões de “posição”.

A teoria da modelagem destaca o seguinte: partidos com imagens de “valência” fraca tendem a mudar suas posições para longe dos partidos de forte “valência”. Isto porque numa disputa com base em considerações de “valência”, se o partido de fraca “valência” aproximar sua posição do partido de forte “valência”, irá sofrer uma brusca perda de votos porque os eleitores farão escolhas pautados estritamente no grau de “valência” dos partidos. As pesquisas empíricas sobre este assunto confirmam a previsão do modelo.

Conforme se nota, em alguns casos as previsões foram inteiramente confirmadas e em outros só parcialmente. Os resultados foram plenamente confirmados nas duas situações a seguir: (1) os partidos tendem a mudar suas posições em resposta às mudanças de posição dos concorrentes ideologicamente próximos e (2) respondem às mudanças de suas imagens de “valência”. Em outros dois casos existe a necessidade de fazer ressalvas ao modelo: (3) tipos específicos de partidos (grandes organizações) reagem à mudança de opinião pública, enquanto outros (partidos de nicho) privilegiam os pontos de vista de seus apoiadores; (4) partidos reagem aos resultados eleitorais do passado quando o período de tempo decorrido desde a eleição anterior não é muito extenso.

As Consequências Eleitorais das Mudanças dos Partidos

A teoria da modelagem espacial trabalha com o pressuposto de que os eleitores reagem às mudanças políticas dos partidos. Adams (2012) revisa estudos empíricos com o objetivo de verificar a plausibilidade desta afirmação. De antemão, o referido autor já adianta suas dúvidas quanto a esse pressuposto:

However, as discussed above, there are reasons to doubt whether real-world voters will react to parties' policy shifts in the manner prescribed by spatial theory, because inattentive citizens may not notice that party elites have shifted their policy statements/behavior; because citizens may have difficulty reconciling the party's new policy positions with its previous positions; because voters tend to reject new information that clashes with their pre-existing beliefs about parties'

policy positions; or because voters make negative inferences about party elites' motives for shifting their policies, i.e., citizens infer that these new policy promises represent insincere pandering to the electorate (certainly, rival parties' elites may encourage voters in such inferences) (ADAMS, 2012: 409).

A fim de sanar tais dúvidas, o autor lança duas perguntas para orientar a revisão de estudos sobre o assunto. Primeira: os eleitores percebem as mudanças políticas do partido? Segunda: os eleitores reagem a mudanças nas declarações políticas dos partidos? A seguir apresentarei os resultados apontados.

De acordo com o texto *Is Anybody Listening? Evidence That Voters Do Not Respond to European Parties' Policy Statements During Elections*, escrito por James Adams et al. (2011), a resposta para a primeira indagação é negativa. Os autores analisam as respostas dos eleitores às mudanças nas posições esquerda-direita dos partidos europeus a fim de responder as seguintes questões: os cidadãos atualizam suas percepções das posições esquerda-direita dos partidos quando estes mudam suas declarações nos manifestos eleitorais? Os cidadãos mudam suas próprias posições esquerda-direita e/ou suas lealdades partidárias em função das mudanças do partido?

As medidas das posições esquerda-direita dos partidos são baseadas no *Comparative Manifesto Project* (CMP) referentes aos manifestos eleitorais. As análises abrangeram 25 partidos, cada um deles observados ao longo de uma média de seis eleições. As percepções dos eleitores sobre posições esquerda-direita dos partidos são derivadas do *National Election Study* (NES) com dados oriundos da Alemanha, Grã-Bretanha, Holanda, Noruega e Suécia – as cinco democracias da Europa ocidental para os quais os dados do NES estão disponíveis para períodos prolongados. 97 mudanças nas posições esquerda-direita declaradas pelos partidos e seus apoiadores foram contempladas nesses cinco sistemas partidários da Europa.

Os achados de Adams et al. (2011) não apoiam a previsão do modelo. Conforme os autores, não foram encontrados evidências substantivas ou estatisticamente significativas de que os eleitores ajustam suas percepções de posições esquerda-direita e nem suas lealdades partidárias em resposta aos manifestos eleitorais dos partidos.

Simply put, we find that when parties shift the statements in their policy programs—statements that form the basis for the parties’ election campaigns, according to the party elites we interviewed—there is no evidence that voters respond by adjusting their perceptions of the parties’ Left-Right positions, their own Left-Right positions, or their partisan loyalties (ADAMS et al., 2011: 371).

Estas constatações revelam a fragilidade do modelo teórico. Por outro lado, o mesmo trabalho de Adams et al. (2011) acena positivamente para a segunda indagação. Contudo, constam apenas resultados tímidos de que os cidadãos europeus reagem a suas percepções de posições esquerda-direita dos partidos em resposta às imagens políticas das organizações. Então, os resultados de Adams et al. (2011) sugerem que há uma desconexão entre mudanças no discurso da elite partidária e as reações dos eleitores, pois as percepções dos eleitores não acompanham as declarações políticas recentes dos partidos. Eleitores reagem ao que percebem que os partidos defendem, mas essas percepções não correspondem com as declarações recentes dos manifestos partidários.

O texto *Moderate Now, Win Votes Later: The Electoral Consequences of Parties’ Policy Shifts in 25 Postwar Democracies*, de Adams e Somer-Topcu (2009), reforça a perspectiva dos efeitos modestos de reação dos eleitores em função das mudanças partidárias. Os autores se debruçam sobre a relação entre mudanças esquerda-direita dos partidos e transformações em sua base eleitoral, em 25 sistemas partidários pós-guerra. O interesse central é descobrir se as posições políticas anunciadas pelos partidos exercem qualquer impacto substancial sobre as respectivas quotas de voto. Em caso afirmativo, busca saber se os efeitos são imediatos ou se a reação dos eleitores demanda um determinado tempo para ocorrer.

A análise abrangeu 1.649 mudanças nas posições esquerda-direita dos partidos, começando com a primeira eleição do pós-Segunda Guerra Mundial em cada país e terminando em 2003 – último ano para o qual os dados do *Comparative Manifesto Project* (CMP) estão disponíveis. Todos os partidos listados no conjunto de dados do CMP cujo programa político foi codificado em pelo menos três eleições consecutivas foram incorporados na análise. Isto levou a total de 338 eleições envolvendo 208 partidos, cada um deles observado ao longo

de uma média de oito eleições.

Adams e Somer-Topcu (2009) encontram evidências consistentes de um benefício político defasado de moderação: quando os partidos moderam suas posições esquerda-direita na eleição anterior – ou seja, quando partidos de esquerda mudam para a direita ou quando partidos de direita mudam para a esquerda –, em seguida seu apoio eleitoral aumenta na eleição atual. Do mesmo modo, os partidos que se deslocaram para posições mais radicais na eleição anterior tendem a perder votos na eleição atual. Em contraste, não encontraram nenhuma evidência consistente de que o apoio aos partidos responde às suas atuais posições esquerda-direita.

Assim, a pesquisa de Adams e Somer-Topcu (2009) revela a importância do fator “tempo decorrido” no resultado alcançado pela moderação partidária. Em média, os partidos modestamente aumentam o seu apoio quando moderam suas posições esquerda-direita na eleição anterior. Evidências estatisticamente significativas não foram encontradas para apoiar a ideia de que os partidos se beneficiam com a eleição atual ao moderar suas posições nesta eleição.

Por fim, o trabalho de Adams et al. (2006) também aponta ressalvas para os efeitos da mudança dos partidos no comportamento dos eleitores. Os autores não encontraram evidências de alteração nas quotas de votos dos grandes partidos quando estes mudam suas posições políticas. Apenas no caso dos partidos de nicho percebe-se uma reação significativa dos eleitores. Os partidos de nicho observam uma queda na sua votação nacional em relação a eleição anterior quando moderam suas posições. Assim, Adams et al. (2006) percebem reações dos cidadãos a mudanças partidárias dependendo do tipo de organização (se é um partido de nicho ou um grande partido do ponto de vista eleitoral).

A revisão de estudos empíricos acerca das consequências eleitorais das mudanças políticas dos partidos demonstrou algumas debilidades nas previsões da modelagem espacial. O eleitor não percebe de maneira satisfatória as mudanças dos partidos e reage apenas em parte a tais mudanças. A reação do eleitor ocorre de acordo com o tipo de organização que ele apoia. De maneira geral, as previsões não tiveram confirmações empíricas com substantivas evidências.

Considerações Finais

Para finalizar, convém apresentar as conclusões gerais alcançadas por Adams (2012) nesta revisão de estudos. Os resultados foram distintos para os dois campos de pesquisa: (1) causas das mudanças políticas dos partidos e (2) consequências das mudanças políticas. No primeiro campo, as evidências observadas foram amplas e consistentes. Os pesquisadores constataram que os partidos políticos nos sistemas multipartidários constantemente ajustam suas promessas em resposta aos fatores identificados pela modelagem espacial – mudanças (de todo o eleitorado ou de seus partidários) nas preferências dos cidadãos, mudanças nas posições dos partidos rivais, resultados eleitorais do passado e mudanças nas imagens de “valência”.

No segundo campo de pesquisas, constataram-se apenas evidências fracas e inconsistentes de que os cidadãos em sistemas multipartidários sistematicamente reagem a mudanças dos partidos. Não houve conhecimento de qualquer evidência significativa de que os cidadãos atualizam suas percepções de posições do partido em resposta a mudanças nas declarações que os partidos emitem durante as campanhas eleitorais. Somente os partidos de nicho apresentaram algum indício de atender as previsões.

Esse quadro geral levou Adams (2012) ao seguinte questionamento:

This raises the question, How can the empirical evidence that voters in multiparty systems react to parties' policy shifts be so weak when there is strong empirical evidence that political parties in these systems shift their positions in response to the factors that spatial modelers emphasize, including public opinion shifts, rival parties' policy shifts, valence issues, and past election results? (ADAMS, 2012: 412).

O descompasso no grau das evidências leva o autor a apresentar três explicações alternativas para tratar desse *puzzle*. A primeira delas reside no fato de conceber o eleitor comum como alguém desatento à política, que não percebe em grande parte as flutuações das elites partidárias no eixo esquerda-direita. Apesar dessa desatenção do eleitor, as elites partidárias insistem em mudar o tom da retórica política e ajustam suas promessas de campanha em resposta aos fatores da modelagem

espacial. Para Adams (2012), os partidos fazem isso porque valorizam os benefícios eleitorais marginais que por ventura podem alcançar ao responder o reduzido círculo de eleitores politicamente engajados. Em circunstâncias incomuns, as declarações dos partidos irão receber ampla publicidade junto a grandes segmentos do eleitorado.

A segunda explicação proposta por Adams (2012) enfatiza a capacidade dos eleitores comuns atualizarem suas percepções das posições dos partidos bem mais por meio de ações políticas do que através de declarações de campanha. Nesta perspectiva, os partidos de oposição enfrentam mais dificuldades para alterar suas imagens diante do eleitorado porque não dispõem de muitos recursos de ação. Afinal, as ações de formulação e implementação de políticas públicas não fazem parte do rol de iniciativas dos partidos de oposição.

Uma terceira explicação alternativa afirma o seguinte: os eleitores de fato respondem às mudanças nas declarações das elites partidárias, porém os partidos tendem a prejudicar sua própria mensagem. Isto acontece porque os diferentes membros do partido emitem declarações contraditórias e confusas que reduzem o efeito da mensagem contida nos manifestos – as declarações políticas autorizadas e cuidadosamente elaboradas.

Conforme Adams (2012), as elites partidárias costumam ficar preocupadas com a possibilidade de que algum representante de destaque do partido emita uma mensagem contrária ou desviante da imagem da organização partidária. Os partidos que conseguem manter a mensagem – ou seja, as declarações políticas emitidas no manifesto correspondem ao tom das declarações que os representantes do partido emitem em outros locais – têm melhores perspectivas de controlar suas imagens políticas do que os partidos caracterizados por emitir declarações políticas contraditórias.

Outro fator capaz de interferir no processo de transmitir a mensagem de mudança política para o público reside no carisma e habilidade dos líderes partidários. Soma-se a isto a capacidade dos partidos adversários para levantar dúvidas e questionamentos sobre as posições do partido central. Adams (2012) menciona o caso do Partido Trabalhista britânico como exemplo promissor acerca das habilidades do líder partidário (no caso, Tony Blair) e da incapacidade do partido adversário (Partido

Conservador) para provocar dúvidas no eleitorado.

Blair conseguiu mudar a imagem política de seu partido de forma acentuada em direção ao centro. Sob a direção dele, o partido se uniu; a atenção da mídia foi direcionada para as novas iniciativas da sigla; o Partido Trabalhista passou a ser visto pelo eleitorado britânico como organização competente e confiante. Ao fazer isso, Blair convenceu os eleitores de que seu partido tinha realmente mudado. À época, Blair beneficiou-se do fato do Partido Conservador estar inserido numa série de escândalos políticos de grande repercussão e com agudas divisões internas. Esta situação contribuiu para impedir o Partido Conservador de levantar dúvidas junto à população sobre a sinceridade da mudança do Partido Trabalhista (ADAMS, 2012).

Essas explicações alternativas propostas por Adams (2012) não visam fornecer uma resposta pronta e acabada para resolver o *puzzle* decorrente das previsões da modelagem espacial. Antes de tudo, sugere novas pistas e caminhos para serem trilhados daqui pra frente nas pesquisas sobre partidos políticos. Afinal, como a “science is the systematic gathering of knowledge” (THOMAS, 2005), os resultados atingidos colaboram para continuar aprofundando e verificando os achados sobre o fenômeno dos partidos políticos.

Neste momento, convém destacar o importante esforço de Adams (2012) para sistematizar os resultados empíricos alcançados por diferentes pesquisadores. Quando se observa isoladamente os resultados de cada trabalho revisado, dificilmente o leitor perceberá as convergências e disparidades presentes na teoria da modelagem espacial. Adams (2012) nos propicia esse quadro geral de acertos e lacunas nas previsões desse modelo teórico.

Referências Bibliográficas

ADAMS, James. “Causes and Electoral Consequences of Party Policy Shifts in Multiparty Elections: Theoretical Results and Empirical Evidence”. *Annual Review of Political Science* [online]. 2012, 15, consultado em 30 agosto 2012, pp. 401-419. Disponível na internet em www.annualreviews.org.

ADAMS, James; CLARK, Michael; EZROW, Lawrence; Glasgow, Garrett. “Understanding change and stability in party ideologies: Do parties respond to public opinion or to past election results?” *British Journal of Political Science* [online]. 2004. vol. 34, n° 4, consultado em 31 agosto 2012, pp. 589-610. Disponível na internet em <http://journals.cambridge.org/JPS>.

ADAMS, James; CLARK, Michel; EZROW, Lawrence; GLASGOW, Garrett. “Are niche parties fundamentally different from mainstream parties? The causes and the electoral consequences of western European parties’ policy shifts, 1976–1998”. *American Journal of Political Science* [online]. 2006. vol. 50, n° 3, Jul. 2006, consultado em 31 agosto 2012, pp. 513–529. ISSN 0092-5853.

ADAMS, James; SOMER-TOPCU, Zeynep. “Moderate now, win votes later: the electoral consequences of parties’ policy shifts in 25 postwar democracies”. *The Journal of Politics* [online]. 2009. vol. 71, n° 2, consultado em 31 agosto 2012, pp. 678-692. Disponível na internet em http://journals.cambridge.org/abstract_S0022381609090537.

ADAMS, James; EZROW, Lawrence; SOMER-TOPCU, Zeynep. “Is anybody listening? Evidence that voters do not respond to European parties’ policy programmes”. *American Journal of Political Science* [online]. 2011. vol. 55, n° 2, consultado em 31 agosto 2012, pp. 370–382.

TAVITS, Margit. “Principle versus pragmatism: policy shifts and political competition”. *American Journal of Political Science* [online]. 2007. vol. 51, n° 1, consultado em 30 agosto 2012, pp. 151-165. ISSN 0092-5853.

THOMAS, George. “The Qualitative Foundations of Political Science Methodology”. *Review Essay* [online]. 2005, vol. 3, n° 4, consultado em 30 agosto 2012, pp. 855-866.

Recebido em 21/04/2013
Aprovado em 04/06/2013